

A minimalist line drawing of a person with glasses reading a large book. The person is on the right side of the frame. The book is held in front of them. In the upper left, there is a large semi-circle and several small diamonds scattered around it.

Teoria da Literatura

Análise do percurso sócio-histórico do conceito de literatura. O texto literário: mimesis, verossimilhança e intertextualidade. O campo da Teoria da Literatura e as principais correntes teóricas que o influenciaram.

Prof.º Mário Bruno

Propósito

Compreender as principais ideias que constituem o campo da Teoria da Literatura a fim de desenvolver a compreensão de literatura e utilizar os fundamentos teóricos acerca dos estudos literários.

Preparação

Antes de iniciar o conteúdo deste tema, tenha em mãos um dicionário de termos literários para entender os termos específicos da área. Na internet você pode acessar gratuitamente, por exemplo, o *E-Dicionário de Termos Literários*, de Carlos Ceia.

Objetivos

- Identificar o percurso histórico que orientou as concepções de literatura.
- Reconhecer os conceitos de mimesis, intertextualidade e verossimilhança no texto literário.
- Distinguir o campo da Teoria da Literatura e algumas de suas correntes.

Introdução

Você certamente estudou na educação básica a língua portuguesa, além da literatura escrita nessa língua. É possível que você tenha trabalhado com textos da literatura brasileira, portuguesa e, quem sabe, até textos literários em português produzidos em países africanos. Mas, provavelmente, você não usou um livro sobre Teoria da Literatura ou teve aulas sobre esse assunto. Neste tema, vamos tratar de literatura, mas de um jeito diferente daquele com o qual talvez você tenha se acostumado na escola. A literatura será objeto de nosso estudo desde uma perspectiva teórica.

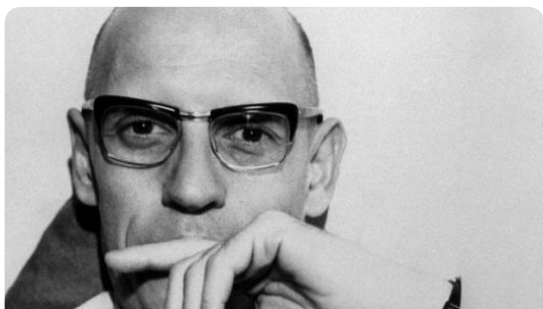
Como você verá ao longo dos módulos deste tema, a Teoria da Literatura é um campo de estudo, uma disciplina teórica, que nos leva a reflexões sobre o fenômeno literário e nos oferece ferramentas para ir além do senso comum na leitura, na crítica e no estudo dos textos literários.

Então, vamos ao desafio de olhar a literatura a partir de novas perspectivas e compreender como esse campo teórico se constituiu.



O conceito de literatura

A palavra literatura deriva historicamente do termo latino *litteratura* e entrou sob formas muito semelhantes em diversas línguas europeias, por volta do século XV, e nas línguas alemã, russa e portuguesa no século XVI. Veja no recurso a seguir o que os filósofos Foucault e Derrida falaram sobre o termo literatura:



Foucault

Foucault (2016) observa que o termo literatura designava, no século XVII, simplesmente a familiaridade que alguém podia ter com obras de linguagem.



Derrida

Para Derrida (2014), nem sempre o que denominamos atualmente de literatura foi considerado assim em outras épocas.

Segundo Derrida, o termo literatura é uma invenção muito recente. Antes disso, a escrita não era indispensável para a poesia ou para as belas-letas, tampouco a propriedade autoral ou a assinatura individual.

Além disso, as leis ou as convenções que estabeleciam o que deveria ser chamado de literatura na modernidade não eram indispensáveis para que as obras poéticas circulassem. Derrida entende que a poesia grega ou latina, as obras discursivas não europeias, não pertencem à literatura no sentido mais estrito do termo, a literatura *stricto sensu*.

Sim, o conceito de literatura é relativamente moderno e constitui-se após mais de dois milênios de produção literária, em virtude de certas circunstâncias histórico-culturais.

O positivismo do final do século XIX simplificou radicalmente esse conceito ao aceitar como literatura, segundo a etimologia do vocábulo, todas as obras manuscritas ou impressas que representassem a civilização de qualquer época, independentemente de seus elementos estéticos. Em consciente resistência a esses critérios positivistas de manuais de história literária, da segunda metade do século XIX às primeiras décadas do século XX, o formalismo russo, o *new criticism* anglo-norte-americano e a estilística reconheceram a necessidade de prioritariamente estabelecer com rigor critérios para definir o que é literário.

Vamos saber mais sobre esses conceitos a seguir:

Positivismo

Sistema filosófico elaborado pelo filósofo francês Auguste Comte (1798-1857), baseado na ideia de que a cultura e a sociedade passam por três estados: o teológico, o metafísico e o positivo. Para Comte, a maturidade e as ciências surgem no terceiro estágio. A etapa positiva corresponde, então, às ciências positivas, que deveriam ser a base ou os princípios da organização científica da sociedade. No positivismo, há uma valorização da experiência sensível (os fatos “positivos”) como principal fonte do conhecimento.

Formalismo russo

Corrente de crítica literária que nasceu na Rússia a partir de 1914, principalmente com a organização do Círculo Linguístico de Moscou, dedicado aos estudos de poética e de linguística. Identificava o texto literário como uma forma, interessando-se pelos elementos textuais formais e recusando aquilo que era externo ao texto. A crítica formalista procurava no próprio texto, a partir de sua linguagem, aquilo que o tornaria literário, ou seja, a literariedade.

New criticism

A nova crítica se caracterizou por ser uma corrente crítica que trabalhava minuciosamente os aspectos técnicos ou formais do texto poético, o que era chamado de *close reading* (leitura microscópica). Os chamados “novos críticos” trouxeram a crítica literária para o ambiente acadêmico das universidades e defendiam uma leitura do poema marcada pela objetividade e precisão a partir da autonomia do texto literário, ou seja, independente do contexto sócio-histórico e da biografia do autor.

Estilística

Originalmente surgiu como um ramo da ciência da linguagem, estudando os efeitos produzidos pela linguagem. Pode ser entendida como uma abordagem ou um estudo linguístico do texto literário, identificando suas figuras de estilo, estruturas sintáticas e outros aspectos que ajudam a caracterizar determinado tipo de texto ou de expressão literária de um autor.

No formalismo russo, o linguista Roman Jakobson (1882-1986), em um dos seus primeiros estudos, definiu assim literariedade:



O objeto da ciência da literatura não é a literatura, mas a literariedade, isto é, o que faz de determinada obra uma obra literária.

(JAKOBSON apud AGUIAR; SILVA, 1986, p.15)

Não faltaram autores de renome para contestar a possibilidade de uma definição referencial de literatura. Exemplo disso foram as convicções manifestadas pelo discípulo do filósofo austríaco **Ludwig Wittgenstein** (1889-1951), o filósofo e escritor norte-americano John Searle.

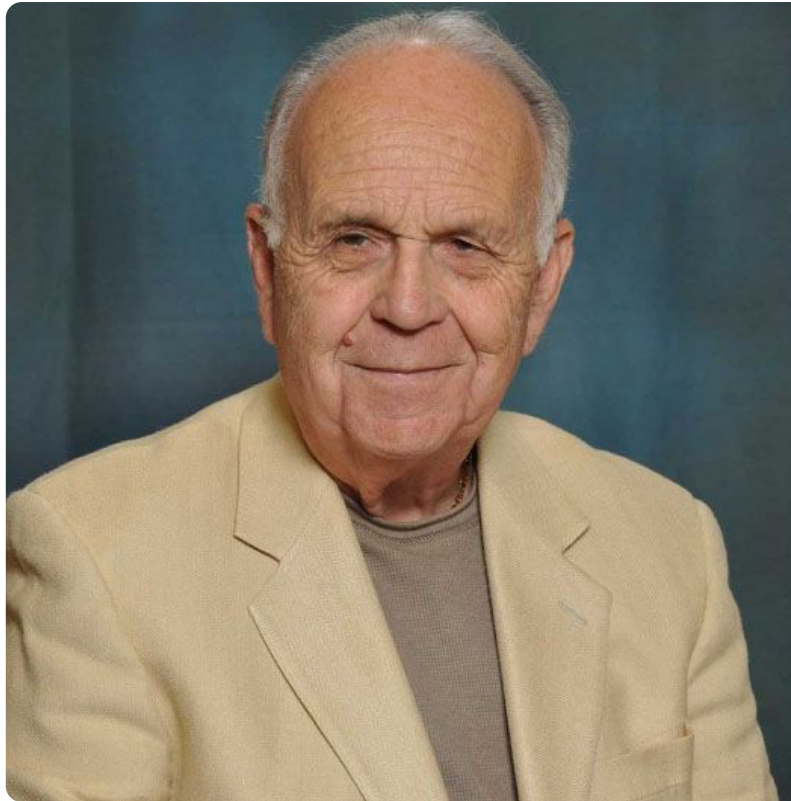
Nos seus últimos estudos, sobretudo em suas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein considerou sem significado perguntas do gênero “o que é?”. Para ele, essas perguntas nos lançam numa inútil metafísica das essências, como se pudéssemos isolar expressões do “jogo da linguagem” de onde foram extraídas.



Ludwig Wittgenstein.

Wittgenstein defende atitudes epistemológicas (referentes à natureza do conhecimento) terminantemente antiessencialistas (que não busquem a essência das coisas); propõe substituir pseudoproposições por proposições factuais.

No pensamento inglês, em uma linha próxima ao seu antecessor austríaco, o teórico literário norte-americano Stanley Fish considerou que literatura é uma categoria convencional, não delimitável mediante propriedades formais existentes em determinados textos.



Stanley Fish.

Fish entende que as estratégias formais do leitor é que fazem emergir padrões formais considerados literários obedecendo a características sócio-históricas e subjetivas.

A consciência literária nas concepções clássicas

Platão (428-348 a.C.)

Supostamente, postulados referentes à arte foram retirados de alguns dos Diálogos do filósofo e matemático da Grécia Antiga. Veja a seguir:

Fedro

No *Fedro*, um diálogo entre os personagens Sócrates e Fedro, Platão sugeriu que o poeta deveria ser colocado fora da censura filosófica, pois a poesia tratava-se de um frenesi divino.

Ion

Em *Ion*, diálogo que tem como tema a poesia, o poeta também é considerado um indivíduo cheio de influência recebida de divindades. O *Ion* é um rapsodo (recitador de poesias épicas) que declama versos de outros poetas sem deixar de acrescentar a sua autoria.

A República

Em *A República*, diálogo socrático escrito por Platão, no livro II (diálogo entre Sócrates e Adeimanto), ao referir-se à educação do cidadão, fala da literatura sem discutir o seu papel; no livro X (diálogo entre Sócrates e Glaucon), ao considerar como verdadeira realidade a ideia, toma os objetos constituídos pelos artesãos como cópia, e os objetos produzidos pelos artistas como imitação da imitação. (PIRES, 1981)

Horácio (64-8 a.C.)

Filósofo, poeta e satírico romano, foi um grande codificador das ideias platônicas, herdando a concepção de “literatura” como um instrumento a serviço da arte de ensinar com deleite (*Docere cum delectare*). Das obras de Horácio, a mais extensa sobre literatura é a *Epístola aos Pisões*, escrita em hexâmetros dactílicos, dedicada ao Cônsul romano Lúcio Pisão. (PIRES, 1981)

Hexâmetros dactílicos

Forma métrica ou esquema rítmico usado na época grega antiga. Os hexâmetros dactílicos também são conhecidos como versos épicos ou versos heroicos, sendo formados por seis pés (unidades dentro da métrica).

Aristóteles (384-322 a.C.)

O filósofo grego Aristóteles, na *Poética*, obra fragmentária, pois uma parte se perdeu, considera a literatura a arte da palavra. Embora não tenha utilizado a expressão literatura, Aristóteles procurou descrever o que nomeamos atualmente de **fato literário**.

A concepção de literatura de Hjelmslev a Barthes

Podemos considerar que *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965), foi o primeiro texto teórico contemporâneo capaz de descrever indiretamente o sistema semiótico da literatura. Hjelmslev incluiu nos estudos de linguística aspectos fundamentais para uma teoria da literatura.



Louis Hjelmslev.

Nesse sentido, o linguista dinamarquês introduziu a base de uma teoria do signo denotativo, que seria retomado por teóricos da literatura como signo literário, abrangendo os seguintes conceitos:

Significante

Plano da expressão.

Significado

Plano do conteúdo ou do sentido.

Entre os importantes estudos da literatura, destacaremos o trabalho pioneiro, diretamente influenciado pela linguística, do escritor, semiólogo e pensador francês Roland Barthes (1915-1980): *O Grau Zero da Escrita*, de 1953. A partir desse estudo, Barthes traçou uma preocupação que impregnaria todos os seus estudos posteriores: **a consideração da literatura como linguagem e como sistema de signos**.

De acordo com Mallac e Ederbach (1997), com Barthes iniciava-se uma revolução na forma de compreender o conceito de literatura e de analisar os sistemas narrativos considerados literários:

Em *O Grau Zero da Escrita*, Barthes questiona certo conceito de literatura a partir de mitos voltados para a figura do escritor nas literaturas clássicas ou tradicionais e propõe novos instrumentais para pensar conceitualmente o que ele denominou de discurso literário.

No formalismo russo, a conceituação da literatura de Tomachevski a Chklovski

O conceito de literatura sofreu profundas transformações na orientação neopositiva do formalismo russo. Segundo Aguiar e Silva (1986), eles abandonaram a avaliação estética de cunho essencialista e metafísico e todas as problemáticas concentradas nas gêneses biográficas, psicológicas e históricas das obras literárias. Veja mais sobre o conceito a seguir:

O neopositivismo, também chamado de positivismo lógico, caracteriza-se pelo critério da verificabilidade no conhecimento, ou seja, qualquer enunciado ou discurso para ser inteligível, ter sentido ou cientificidade precisa ser verificado levando em conta tanto a realidade observada quanto o uso da linguagem a partir de seus atributos lógicos.

Dos formalistas russos, destacamos:

Boris Tomachevski (1890-1957)

Escritor, tradutor e crítico literário. Considerava que havia um fator construtivo na correlação entre os elementos de uma obra literária e isso abrangia os diversos procedimentos técnicos-formais utilizados na obra.

Viktor Chklovski (1893-1984)

Cenógrafo, escritor e crítico literário. Seguindo alguns dos preceitos de Tomachevski, acentuou que deveríamos conhecer a “tecnologia” literária utilizada por um autor e isso explicaria como é feita uma obra literária.

Chklovski, no ensaio-manifesto de 1916, *A arte como procedimento*, influenciado pelo **futurismo**, desenvolveu o conceito de estranhamento (*ostranenie*). A ideia do estranhamento é oposta à ideia de se explicar aquilo que é desconhecido pelo que é conhecido.

Futurismo

Movimento de vanguarda artística e literária que rejeitava as tradições e representava a violência, as guerras e a dinâmica da vida moderna.

A arte, incluída a literatura, seria um processo de singularização, de nos levar ao distanciamento ou estranhamento em relação à maneira como percebemos o mundo ou a realidade. Talvez tenha sido a noção mais importante para o formalismo russo. Segundo Kothe (1981), há quem aproxime esse conceito da noção de estranhamento desenvolvida pelo dramaturgo e poeta alemão **Bertolt Brecht** (1898-1956), pois as duas ideias pensavam no papel que a arte tem de quebrar com a reconhecimento (reconhecimento) dos objetos, dando uma visão renovada para além do mero reconhecimento familiar.



Comentário

O formalismo, abandonando o que ele considerava como extraliterário, contribuiu para pensar a literatura como um objeto estético com características específicas a serem estudadas.

Após essas considerações sobre algumas concepções de literatura, leve em conta que outras correntes teóricas e estudiosos foram além das especificidades da linguagem literária para definir o que é literatura. Às vezes, o conceito de literatura ficou atrelado àquilo que uma comunidade reconhecia como literatura; outras vezes, a literatura foi definida por determinada tradição acadêmica ou cânone literário. Assim, podemos dizer que a definição ou concepção de literatura não é matéria de consenso ou reduzida a uma verdade absoluta.

O conceito de literatura

No vídeo a seguir, os professores Dallier e Catharina comentam sobre o conceito de literatura. Vamos assistir!



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

O conceito de literatura no formalismo russo



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Significante e significado na teoria da literatura



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

A definição de um texto como texto literário



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Leia o texto a seguir:

Na tradição dos estudos literários, um aspecto fundamental e que se interpõe logo de início é o conceito de literatura. Desde a Antiguidade Clássica, vários pensadores se ocuparam da arte das palavras, o que pode ser confirmado a partir do pensamento e das obras de Platão, Aristóteles e Horácio. Mas foi a partir da modernidade que os estudos sobre o que denominamos de literatura se fizeram de forma metódica e dentro de um campo de estudo próprio. Entre esses estudos, podemos destacar as escolas linguísticas ou literárias, como o formalismo russo e a nova crítica, além da própria influência filosófica do positivismo.

Considerando o texto acima e o que você estudou neste módulo, analise as afirmativas a seguir.

I. O conceito de literatura como o conhecemos sempre acompanhou o homem, desde meados do período pré-socrático, ou seja, antes mesmo dos escritos de Platão.

II. O positivismo considerava como literatura todas as obras manuscritas que representassem a civilização de qualquer período.

III. O formalismo russo buscou estabelecer critérios rigorosos para definir o que é literário.

IV. O conceito de literatura está atrelado a circunstâncias histórico-culturais, podendo ser considerado relativamente moderno.

V. O *new criticism* não se direcionou às preocupações formalistas para definir o funcionamento literário.

Estão corretas apenas as afirmativas:

A

I, II e III.

B

I, II e IV.

C

II, III e V.

D

II, III e IV.

E

II, IV e V.



A alternativa D está correta.

O conceito de literatura é relativamente moderno, não estando presente da forma como o conhecemos no período pré-socrático. O *new criticism*, junto com o formalismo russo, buscou delimitar as definições do que é literário. Já o positivismo alargou a compreensão do que vem a ser literatura, considerando todo texto manuscrito ou impresso que retratasse a cultura ou civilização de determinada época uma obra literária. Assim, somente estão corretas as afirmativas II, III e IV.

Questão 2

A respeito do formalismo russo, assinale a alternativa correta.

A

O movimento priorizava a avaliação das problemáticas biográficas, psicológicas e históricas de cada obra literária a fim de lhes atribuir um valor.

B

O mais importante conceito desse movimento é o “estranhamento”, que defende o papel que a arte tem de quebrar com a reconhecimento dos objetos.

C

A análise de cada texto deve ser feita de forma concreta, não se atentando a aspectos secundários como a literariedade.

D

O formalismo russo não considerava a literatura como um objeto estético com particularidades específicas a serem estudadas.

E

A obra literária deveria ser estudada a partir de seus vínculos com aspectos externos, como o contexto e o leitor.



A alternativa B está correta.

O movimento formalista russo abandonou todas as questões relacionadas diretamente com as gêneses biográficas, psicológicas e históricas. Pensava a literatura como um objeto estético e considerava a literariedade como objeto de estudo da ciência da literatura. Os maiores representantes são Chklovski e Tomachevski. Chklovski desenvolveu o conceito de estranhamento, que implica a quebra do reconhecimento (reconhecimento) da realidade ou dos objetos diante da obra de arte. Incluindo a literatura, a arte promoveria outro olhar e experiência diante da realidade que ela representa, pois faria isso de forma diferente e distante do próprio modo como estamos acostumados a olhar ou representar a realidade.

Mimesis

Para compreensão do texto literário, o conceito mimesis foi uma peça-chave desde os primórdios da cultura ocidental. De certo modo, devemos atribuir a Platão a noção de mimesis. Os entes que existem neste mundo são cópias de um mundo real, de ideias, mundo separado deste em que vivemos; foi o que nos ensinou o filósofo de Atenas. Assim, temos a tríade platônica: **a ideia, a cópia e o simulacro**.

A mimesis ou a imitação estaria distante do verdadeiro ou da ideia, oferecendo uma imagem da realidade de “segunda mão” e não uma imagem da verdadeira realidade. Platão dá o exemplo da cama para explicar que alguém ao pintar uma cama está três vezes distante da realidade. Isso porque:

1º

Primeiro, existe a cama como ideia, presente na natureza das coisas e tendo Deus como autor.

2º

Segundo, existe a cama produzida pelo marceneiro, a cópia feita pelo artífice a partir da ideia de cama.

3º

Terceiro, temos a cama do pintor, que produz a partir de uma cópia.

O pintor, o poeta ou dramaturgo, ao representarem a realidade, seriam “imitadores” da aparência e não da verdadeira realidade ou do mundo real das ideias. Por isso, os poetas, como Homero, não possuindo o conhecimento real sobre aquilo que imitam, não participariam da construção da Cidade Ideal, imaginada como justa por Platão. Os poetas, assim como os pintores, estavam limitados à imitação, que seria um **simulacro** da virtude.

Para Platão, é a identidade superior da ideia que funda a boa pretensão das cópias e funda-a sobre uma semelhança interna e derivada. Segundo Deleuze (1982), a cópia é uma imagem dotada de semelhança, enquanto o simulacro se constitui numa imagem sem semelhança.

A ideia se impõe às cópias e elas existem à sua semelhança. Porém, do ponto de vista da literatura e da arte, em geral, a obra de Platão estava longe de apresentar uma versão única.



Mesmo Platão não tendo uma visão uniforme sobre o papel da literatura, a relação modelo-cópia, que funda a noção de mimesis, foi durante muito tempo o parâmetro para as obras consideradas de valor. Acreditamos que, até o século XVIII, o papel do escritor era seguir o que já havia sido feito por autores de reconhecido mérito.

As épocas que precederam a nossa pensavam a arte, incluindo a literatura, a partir da mimesis, ou imitação do que já havia sido produzido por autores significativos do passado, ou seja, seguiam o cânone:

“

A época moderna – esse período que se inicia no século XVIII e que talvez chegue agora a seu ocaso – é a primeira época que exalta a mudança e a transforma em seu fundamento.

—

(PAZ, 1984, p.34)

Em outras palavras, a ideia de literatura como mimesis ou imitação foi o que prevaleceu até a entrada na modernidade, ou seja, até o século XVIII. Por outro lado, o professor e teórico da literatura Luiz Costa Lima afirma que desde Aristóteles esse conceito de mimesis como imitação já havia sido modificado: “O real legítimo para a narrativa não é o que apenas reproduz a realidade, mas sim o que pode haver” (LIMA, 1973, p. 54).

Ainda em relação à mimesis, podemos destacar o alcance da teoria da *imitatio* nos períodos do Renascimento e do Maneirismo – imitação próxima versus imitação transformativa; entre imitação fiel e transformação, veja mais sobre esse assunto na citação a seguir.

“

Todo labor do escritor renascentista tem por pedra-de-toque a questão da *imitatio*. Qualquer obra de arte deve ser modelada a partir de outras obras de reconhecido mérito. Como tal, a originalidade não é interpretada como invenção espontânea, mas como capacidade de fazer próprios os modelos instituídos, que é dizer, de os reorganizar em novas sínteses, através de um estilo apropriado e pessoal.

—

(MARNOTO, 1996, p.49)

No Renascimento, havia um erudito programa literário seguido pelos escritores para terem suas obras consideradas como significativas. Eis o programa: Homero, Virgílio, Ovídio, Ariosto, Tasso, Petrarca, Sannazaro, Pietro Bembo e Garcilaso.

A base neoplatônica dessa concepção é uma arte da repetição e, de acordo com Marnoto (1996), o seu objetivo não é o de dizer coisas novas, mas de representar o já dito a partir da recriação de exemplos recolhidos em função do seu valor modelar.

A exemplo disso, vejamos a seguinte estrofe do poema de **Petrarca** dedicado a Laura, que se encontrava doente e poderia perder a vida.

“

A alma minha gentil que agora parte
Tão cedo deste mundo à outra vida,
Terá certo no céu grata
acolhida, Indo habitar sua mais beata parte.

(PETRARCA, 2014, p. 21)

Francisco Petrarca (1304-1374) foi um poeta e pensador humanista italiano considerado um dos precursores do Renascimento italiano. É atribuída a Petrarca a consolidação da forma do soneto em 14 versos. Em sua obra *Cancioneiro*, Petrarca canta a mulher amada, chamada Laura.



Laura e Petrarca.

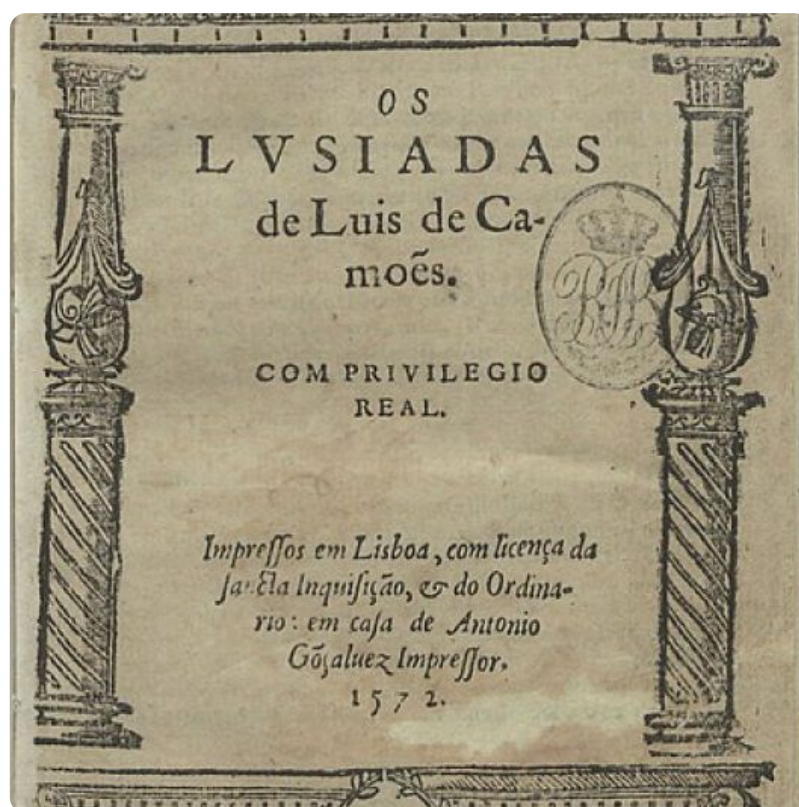
Vejamos a primeira estrofe de um poema de Luís de Camões dedicado a uma suposta amada que havia falecido.

“

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

(CAMÕES, 1998, p. 15)

Luís de Camões (1524-1580) foi um poeta português, pertencente ao classicismo, que cantou os feitos de Portugal na obra-prima *Os Lusíadas*, de 1572. Camões também compôs vários poemas, entre sonetos, elegias, odes e outras formas líricas.



Capa de *Os Lusíadas*, na edição de 1572.

Argumentos contra a mimesis como imitação da realidade

Antoine Compagnon (1999) afirma que, desde os estudos de Saussure e Sanders Peirce, as disciplinas de estudos literários voltaram as costas ao papel exterior e referencial da linguagem. Em Saussure, a ideia do arbitrário do signo implica a autonomia relativa da língua em relação à realidade (o referente); o significado é diferencial e não referencial.

Em Peirce, a ligação entre signo e objeto foi quebrada. Nos primórdios da linguística e da semiótica, a relação linguística ocorria entre representações, não entre palavra e coisa.

Nesse debate, as vozes de Jakobson, Lévi-Strauss e Roland Barthes também exercem papel importante. Veja mais a seguir:

Ferdinand de Saussure (1857-1913)

Filósofo e linguista suíço, é considerado o pai da linguística moderna. Foi professor em universidades na França e na Suíça. Suas aulas na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, conhecidas como *Curso de Linguística Geral*, são a base da Linguística como disciplina científica. Sua teoria da linguagem acabou sendo denominada de estruturalismo.



O **estruturalismo linguístico** inicia-se com Ferdinand de Saussure e seu entendimento de que a língua é um sistema articulado no qual seus elementos se concatenam por meio de correlações e oposições. Cada elemento tem seu valor a partir de sua posição no sistema ou na estrutura. Assim, fonemas, morfemas e sintagmas se combinam em diferentes níveis para formar a estrutura da língua.

Charles Sanders Peirce (1839-1914)

Filósofo, linguista, físico e matemático norte-americano, é considerado um dos fundadores da semiótica moderna. Semiótica pode ser definida como a ciência ou doutrina formal dos signos, ou seja, a ciência de toda e qualquer linguagem. O signo, por sua vez, pode ser definido como uma coisa que representa outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir outra coisa diferente dele. (SANTAELLA, 1983)



Roman Jakobson (1896-1982)

Dentro das premissas antirreferenciais, Jakobson se destacou apresentando os fatores que definem a comunicação e, dentre as funções linguísticas que ele definiu, a referencial era apenas uma delas, e dizia que era difícil encontrar uma obra que preenchesse apenas uma única função.



Claude Lévi-Strauss (1908-2009)

Antropólogo e filósofo francês, ainda que tenha nascido em Bruxelas. Foi criador da antropologia estrutural e viajou pelo Brasil entre 1935 e 1939, realizando estudos de sociedades indígenas. Foi professor de Sociologia na USP aos 26 anos de idade. Em seu antiprograma de teoria estrutural, veio Lévi-Strauss com uma outra fonte de denegação da mimesis; baseando-se no estudo dos mitos, deu à narração um papel de destaque em detrimento à semântica e à mimesis. O estruturalismo de Lévi-Strauss passou a ter forte influência nos estudos de teoria literária.



Roland Barthes (1915-1980)

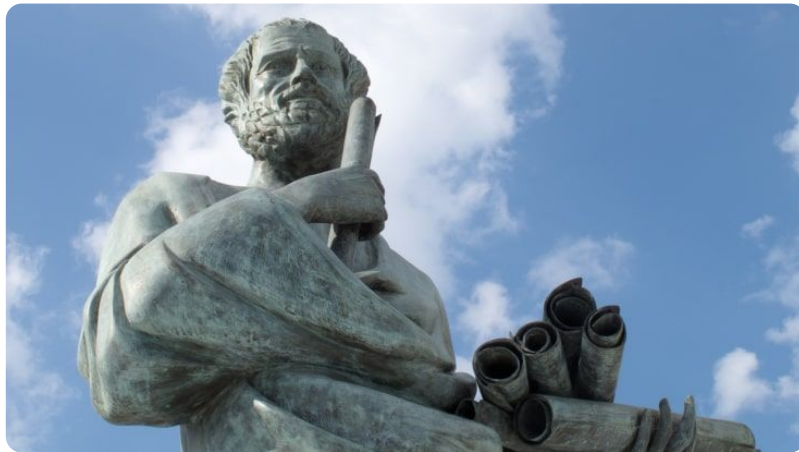
Por fim, é necessário retomar Roland Barthes, que inicialmente seguiu o modelo estrutural e, excluindo a referência, fez da linguagem o primado de seus estudos.



A seguir, abordaremos outro problema que trabalhamos nos estudos de literatura, o da verossimilhança.

Verossimilhança

Podemos dizer que, na *Poética* de Aristóteles, a noção de mimesis como imitação é posta de lado. O filósofo traz outro conceito que também percorrerá a história das problematizações sobre literatura.



Estátua do filósofo Aristóteles.

A arte literária não é uma imitação do real, o que importa na obra literária é a verossimilhança.

A concepção aristotélica de verossimilhança é um pouco complexa. De acordo com o filósofo, o artista age seguindo uma lei de probabilidade ou de necessidade. Uma impossibilidade provável pode parecer mais tangível que uma possibilidade real. Veja na citação a seguir mais sobre a concepção aristotélica.

“

Em uma obra de arte literária tudo deve ser provável, verossímil e necessário. Ela apresenta suas próprias unidades e perfeições, possuindo o seu universo de probabilidades no qual a verdade pode ser reconhecida e valorizada.

—
(PIRES, 1981, p. 27)

O verossímil não é necessariamente aquilo que é verdadeiro, mas aquilo que, na relação imagem, ideia e referente, é portador de uma aparência de verdade. Aristóteles argumentava que o historiador narra o que aconteceu, enquanto o poeta conta ou fala dos fatos que poderiam acontecer (verossímeis), daquilo que é possível no sentido de algo que convence ou pode persuadir.

A Intertextualidade

A intertextualidade é um dos conceitos mais importantes para os estudos atuais de literatura.



Mikhail Bakhtin.

O teórico Mikhail Bakhtin considerava o *corpus* literário como absorção da réplica a outro texto. Sendo assim, estudou os romances em que ele reconheceu conter diálogos entre muitas vozes. Para ele, o dialogismo do romance é uma absorção do carnaval, das festas carnavalescas oriundas da cultura medieval.

Mikhail Bakhtin (1895-1975) foi um filósofo russo que se dedicou aos estudos linguísticos e literários. Foi professor de História, Sociologia e russo. Nos seus estudos sobre a linguagem e o discurso, destaca-se a contribuição acerca do aspecto dialógico da linguagem ou polifônico dos textos.

Foi a noção de dialogismo ou polifonia que inspirou o conceito de intertextualidade desenvolvido pela filósofa, psicanalista e crítica literária búlgaro-francesa Julia Kristeva, substituindo a noção de “pessoa-sujeito da escritura” pela ambivalência da escritura, veja mais sobre esse assunto na citação a seguir.



O princípio do romance, tal como as formas concretas dessa transformação que o caracteriza, é tirado do espaço intertextual. [...] No seu campo transformacional e intertextual, só pode ser lido como polifonia. Não há romance linear; linear é apenas a narrativa épica. Todo romance é já, de modo mais ou menos manifesto, polifônico (poligráfico).

(KRISTEVA, 1984, p. 189)

Como exemplo de intertextualidade, podemos citar o poema *Mar Português*, que se encontra no livro *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Há, em *Mar português*, sobretudo na primeira estrofe, um diálogo intertextual com a alegoria do Velho do Restelo de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões.



O Velho do Restelo (1904), por Columbano Bordalo Pinheiro no Museu Militar de Lisboa.

Os versos do primeiro movimento se fazem como eco ou decalcagem direta do discurso camoniano que se inicia no Canto Quarto, nas estâncias (estrofes) 94, 95 e 96 de *Os Lusíadas*, veja na citação a seguir.



Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães
choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

(PESSOA, 1999, p. 82)

Mímesis e verossimilhança

No vídeo a seguir, os professores Dallier e Catharina comentam sobre a mímesis e verossimilhança. Vamos assistir!



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

A literatura como mimesis



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Literatura e verossimilhança



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

(UEL 2019, ADAPTADA) leia o texto a seguir:

Os melhores de entre nós, quando escutam Homero ou qualquer poeta trágico a imitar um herói que está aflito e se espraia numa extensa tirada cheia de gemidos, ou os que cantam e batem no peito, sabes que gostamos disso, e que nos entregamos a eles, e os seguimos, sofrendo com eles, e com toda seriedade elogiamos o poeta, como sendo bom, por nos ter provocado até o máximo, essas disposições. [...] Mas quando sobrevém a qualquer de nós um luto pessoal, reparaste que nos gabamos do contrário, se formos capazes de nos mantermos tranquilos e de sermos fortes, entendendo que esta atitude é característica de um homem [...]

(PLATÃO. *A República*. 605 d-e. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 12. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. p. 470).

Considerando o texto-base acima e os conhecimentos sobre mimesis (imitação) e sobre o pensamento de Platão, assinale a alternativa correta:

A

O fato de mostrar as emoções de maneira exagerada em seus personagens faz de Homero e de autores de tragédia excelentes formadores na cidade ideal pensada por Platão.

B

Reagir como os personagens homéricos e trágicos é digno de elogio, pois Platão considera que a descarga das emoções é benéfica para a formação ética dos cidadãos.

C

Poetas como Homero e autores de tragédia provocam emoções de modo exagerado em quem os lê ou assiste, não sendo bons para a formação do cidadão na cidade ideal platônica.

D

A imitação de Homero e dos trágicos das reações humanas difere da dos pintores, pois, segundo Platão, não estão distantes em grau da essência, por isso podem fazer parte da cidade justa.

E

A obra de arte deve produzir no espectador ou no leitor reações intensas e emoções extremas.



A alternativa C está correta.

Os poetas ou dramaturgos não eram bem-vindos na cidade ideal de Platão porque suas obras constituíam imitação daquilo que seria cópia do verdadeiro ou da Ideia. Além disso, conforme o texto-base, Platão entendia que os sentimentos exagerados imitados ou representados nos poemas ou nas tragédias eram inadequados, pois, diante das tragédias reais ou dos infortúnios da vida, deveríamos manter a tranquilidade e demonstrar fortaleza, o que acaba não acontecendo na obra de Homero e outros poetas.

Questão 2

Para a construção de uma obra literária, o que importa não é a veracidade da narrativa, mas sim a capacidade de aparentar uma verdade. O autor, portanto, precisa elaborar um conjunto de imagem e ideia que disponha de coerência entre si, formando uma unidade. Para o atributo que nomeia essa concepção, damos o nome de:

A

Dialogismo

B

Estruturação

C

Hermenêutica

D

Verossimilhança

E

Catarse



A alternativa D está correta.

Em uma obra de arte, tudo precisa ser provável e verossímil. A verossimilhança é a característica que dá nexos e harmonia para as ideias apresentadas.

O campo da Teoria da Literatura

Trataremos de algumas questões preliminares relacionadas ao campo da Teoria da Literatura a partir das reflexões e dos estudos do teórico Antoine Compagnon (2001).

A Teoria da Literatura pode ser considerada um ramo da literatura geral e comparada, designando a reflexão que se faz sobre as condições da literatura, da crítica literária e da história literária. Nesse sentido, a Teoria da Literatura engloba a crítica literária, porém vai além dela: seria a crítica da crítica literária.

Aqui, vale a pena uma distinção entre a teoria e a prática dos estudos literários, veja no recurso a seguir.

Teoria da Literatura

A Teoria da Literatura é um campo novo, ela é moderna, e leva em conta os estudos literários que tiveram início no século XIX, a partir do romantismo. Ela é descritiva, analítica e tem como objeto os discursos sobre literatura, a crítica e a história literárias, que serão questionados, problematizados e organizados. A teoria vai se opor ao senso comum, reagirá às práticas ou crenças que julgar atóricas ou antiteóricas.

Prática dos estudos literários

A prática dos estudos literários corresponde, em linhas gerais, à crítica literária e à história literária. A crítica literária pode ser entendida como um discurso sobre as obras literárias, enfatizando a experiência da leitura e descrevendo, interpretando e avaliando o sentido e o efeito dessas obras sobre os leitores. A história literária pode ser compreendida como um discurso que enfatiza os fatores exteriores à experiência da leitura, como aspectos relacionados à construção ou transmissão das obras. Podemos dizer que, de algum modo, a crítica literária lida com o texto e a história literária trata do contexto.

A Teoria da Literatura deve se distinguir da prática dos estudos literários porque a teoria vai descrever, explicitar e criticar os pressupostos das práticas. Por isso, afirma-se que a teoria seria a crítica da crítica.

A Teoria da Literatura, embora não seja filosofia da literatura porque não é especulativa nem abstrata, é um campo de estudos que tem relação com a filosofia da literatura e outras áreas do conhecimento.

O campo da Teoria da Literatura dialoga com diferentes saberes ou conhecimentos, recebendo algumas influências. Entre as principais influências e correntes no campo da Teoria da Literatura, vamos estudar a seguir a fenomenologia, a hermenêutica e a teoria da recepção, o estruturalismo, o pós-estruturalismo, a psicanálise.

A fenomenologia, a hermenêutica e a teoria da recepção

De acordo com Terry Eagleton (1983), em 1918, com a Europa em ruínas, devastada pela pior guerra da história, em meio a turbulentas lutas ideológicas, o filósofo e matemático alemão Edmund Husserl (1859-1938) desenvolveu um novo método que objetivava certezas absolutas num mundo que se desintegrava: a descrição fenomenológica, conhecida também como teoria intencional da consciência, estabelecia que não há sujeito sem objeto e nem objeto sem sujeito. Um estava sempre atado ao outro. Numa época em que os objetos pareciam estar isolados dos objetivos humanos, com Husserl, a mente e o mundo foram novamente reunidos.



A fenomenologia estabelecia um mundo cognoscível e a centralidade no sujeito humano. O mundo passa a ser compreendido como o que postulamos e apreendemos numa relação conosco. O positivismo da ciência ameaçava roubar do mundo toda a subjetividade; a fenomenologia devolvia ao pensamento filosófico uma consciência transcendental.

A fenomenologia é uma corrente e metodologia filosófica que estuda e pensa os fenômenos em si, deixando de lado os condicionamentos externos a fim de conhecer a essência e o significado dos fenômenos ou da realidade.

Segundo Krause (2009), como método, a fenomenologia faz a mediação entre o sujeito e o objeto ou, dizendo de outro modo, entre o eu e a coisa. Levando em conta a perspectiva que se tem da realidade, é possível identificar abordagens transcendentais (transcendente como aquilo que está fora da consciência ou fora “de mim”), existenciais ou hermenêuticas (interpretativas) na fenomenologia.



Comentário

Na esfera da crítica literária, a fenomenologia exerceu influência sobre os formalistas russos. Husserl isolava o objeto real para dedicar-se a conhecê-lo; os formalistas procediam de um modo semelhante.

A **Escola de Genebra** foi a mais influenciada pelos métodos fenomenológicos. Essa escola literária que surgiu na Universidade de Genebra, teve forte atuação nas décadas de 1940 e 1950, sob inspiração das ideias de Husserl. Foi uma escola que privilegiou o rigor textual em detrimento dos aspectos biográficos ou históricos do texto. Dela saíram intelectuais como o crítico literário belga Georges Poulet (1902-1991), o crítico literário e historiador suíço Jean Starobinski (1920-2019) e o professor e escritor suíço Emil Staiger (1908-1987).

Na crítica fenomenológica, o texto era reduzido a uma materialização da consciência do autor e exigia uma leitura imanente (presa à própria natureza do texto), imune a qualquer coisa fora dele; o contexto histórico era algo completamente ignorado. O crítico literário, nesse sentido, deve purgar-se de suas predileções e mergulhar empaticamente no “mundo” da obra, reproduzindo-a da forma mais exata e imparcial possível. Tratava-se de um modo de análise acrítico, destituído de avaliações: é uma transcrição passiva do texto, pura de suas essências mentais.



Martin Heidegger.

Dentre os discípulos de Husserl, Martin Heidegger era o mais conhecido. Martin Heidegger (1889-1976) foi um filósofo, escritor e professor alemão. Foi assistente de Husserl na Universidade de Freiburg, onde também se tornou professor e, por um breve período, reitor dessa universidade.

Heidegger, entretanto, rompeu com o seu mestre. Em oposição ao essencialismo de Husserl, Heidegger parte da reflexão da condição dada da existência humana. Em *Ser e Tempo*, a existência é, em primeiro lugar, sempre o ser-no-mundo, o mundo não é uma existência fora de nós e nem algo de que possamos sair e confrontar. Também não é algo desenvolvido em imagens mentais como queria Husserl.

O **pensamento essencialista** defende a ideia da existência das coisas em si, deixando de lado o contexto no qual elas existem. Os essencialistas creem que as qualidades ou os atributos de determinada coisa revelam-se a si mesmos. Contrariamente a essa ideia, Heidegger insistia que a essência de um ente deve ser concebida a partir da sua existência, considerando, por exemplo, seu contexto histórico.



Reflexão

Para Heidegger, o entendimento é radicalmente histórico, mas acaba por converter o tempo numa entidade abstrata. Entretanto, ele parece não conseguir historicizar de fato as verdades eternas de Husserl. Sua obra acaba sendo também uma fuga da história.

A obra de Heidegger, rompendo com Husserl, não nomeou o seu método de fenomenologia transcendental, mas de **fenomenologia hermenêutica** ou **existencialismo**.

De certo modo, a escola fenomenológica vai ser retomada mais tarde, na década de 1970, por uma corrente conhecida como **estética da recepção**, cujo principal nome é o do teórico alemão Wolfgang Iser (1926-2007), para ele, ao estudarmos um texto literário, temos que colocar em circuito pelo menos dois códigos: o social e o literário.

Nesse sentido, o teórico propõe uma interpretação que leve em consideração os diferentes códigos que constituem um texto.

Segundo Eagleton (1983), a obra literária mais eficiente para Iser é aquela que força o leitor a uma nova consciência crítica de seus códigos e suas expectativas habituais. A **estética da recepção** é uma escola literária que surge no final da década de 1960 na Alemanha e, depois, nos Estados Unidos. Defendia a importância ou centralidade do leitor na recepção crítica ou na leitura crítica do texto literário. Para essa escola literária, a obra de arte literária deve ser legitimada pelo leitor, ficando a atuação do autor e o próprio texto em segundo plano.

O modelo de Iser foi herdado também da **Gestalt** e é essencialmente funcionalista: as partes do texto devem adaptar-se coerentemente ao todo. Gestalt é um termo alemão que significa forma ou configuração e designa a teoria da forma (gestaltismo), que defende a compreensão das partes em função do todo.

É bastante conhecida a psicologia da Gestalt, ou psicologia da forma, que teve início no começo do século XX, na Alemanha, e trata da percepção a partir da apreensão do todo, em vez da soma da sensação das partes.

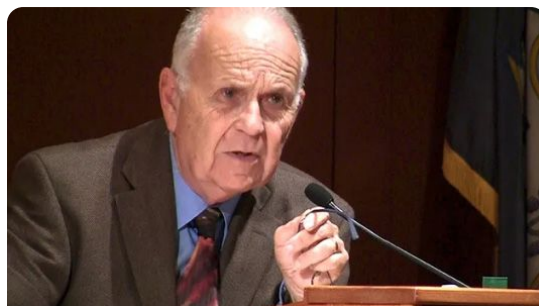
Embora fosse um teórico voltado especificamente para a recepção do leitor, Iser se colocava como um crítico dos pluralismos relativos à leitura, propondo uma leitura equilibrada e autocorretiva.

Dentre os seguidores dessa escola, destacaram-se:



Hans Robert Jauss

Escritor e crítico literário alemão.



Stanley Fish

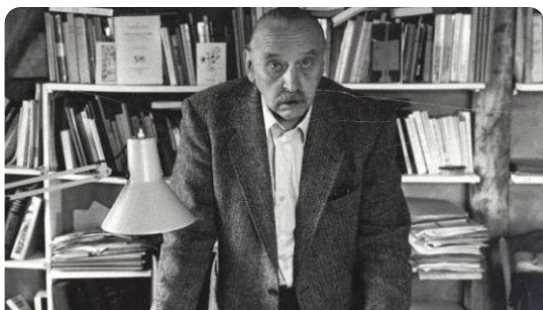
Teórico americano.

Estruturalismo

O estruturalismo floresceu na década de 1960 como uma tentativa de aplicar à literatura os métodos e as interpretações delineados pelo fundador da linguística Ferdinand de Saussure.

Em linhas gerais, o estruturalismo é uma tentativa de aplicar a teoria linguística a outros objetos e atividades que não a própria língua.

Dentre os estruturalistas mais praticantes, podemos destacar:



Algirdas Greimas (1917-1992)

Linguista lituano.



Tzvetan Todorov (1939-2017)

Filósofo e linguista búlgaro.



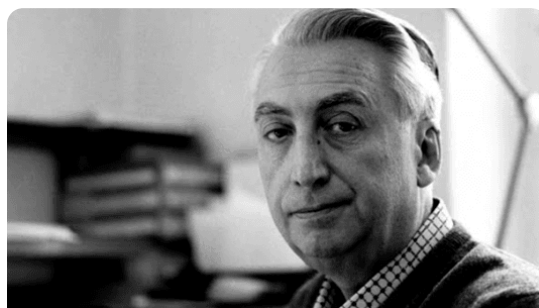
Gérard Genette (1930-2018)

Teórico e crítico literário francês.



Henri Bremond (1856-1933)

Filósofo e teólogo francês.



Roland Barthes (1915-1980)

Escritor, semiólogo e pensador francês.

A contribuição mais importante do estruturalismo foi a de compreender que o significado não era uma experiência privada nem uma ocorrência ordenada divinamente, mas o produto de certos sistemas de significação. Veja mais sobre esse assunto na citação a seguir.



O estruturalismo é o herdeiro moderno de que a realidade, e a nossa experiência da realidade, não são contínuos entre si; nessa condição de herdeiro, o estruturalismo ameaça a segurança ideológica daqueles que desejam ter o mundo sob seu controle, que ele tenha um significado evidente e que lhes mostre tal significado no espelho imaculado de sua linguagem.

(EAGLETON, 1983, p. 117)

O estruturalismo rompeu com a crítica literária tradicional, e sua preocupação com a linguagem foi sempre radical. Dos estudos estruturalistas no campo da literatura, destacaremos os de Roland Barthes. Tomando como ponto de partida os primeiros ensaios de Barthes, vale ressaltar *O Grau Zero da Escrita* (1953) e *Ensaaios Críticos* (1964). Veja mais detalhes sobre esses ensaios no recurso a seguir:

O Grau Zero da Escrita

O Grau Zero da Escrita tratou de modo ostensivo as relações entre romance e história. Para o autor, o romance caracterizava a sociedade burguesa com sua aderência ao mito da ordem universal. A escritura romanesca servia de álibi para uma sociedade que dependia de uma ordem essencialista para preservar o seu *status quo*. Mesmo para os escritores como o francês Gustave Flaubert (1821-1880), que se situavam contra o estado burguês, a literatura burguesa continuava tendo um enorme poder de inserir o romance dentro do seu universal de valores.

Ensaaios Críticos

Em *Ensaaios Críticos*, Barthes procurou um modelo de engajamento correto por meio do qual a escritura poderia interrogar o mundo. A literatura, nesse sentido, rivalizava com a filosofia. Nesse período, Barthes encontrou no teatro de Brecht o exemplo do que procurava, pois era progressista, revolucionário e funcionava como crítica de uma sociedade alienada. Além disso, Barthes também entrou em contato nessa época com o que ele considerou a escritura “grau zero”: o poeta e crítico literário francês Stéphane Mallarmé (1842-1898), o escritor e cineasta francês Robbe-Grillet (1922-2008) e o escritor, jornalista e filósofo franco-argelino Albert Camus (1913-1960). Para Barthes, a escritura “grau zero”, mesmo em seu radicalismo, acabou sofrendo o que ocorreu com o teatro de Brecht: a sociedade burguesa a assimilou e fez dela “modismo”.

Destacam-se os últimos estudos de Barthes, sobretudo *O prazer do texto* (1973) e *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975), obras que já foram escritas no limite entre estruturalismo e pós-estruturalismo. Movimento que critica o estruturalismo cultural e literário a partir dos anos 1966 e 1967. O pós-estruturalismo caracteriza-se pela crítica a um modelo de análise do texto literário que seja universal, pois compreende que todos os textos literários não correspondem a uma estrutura única, por isso não seria pertinente um único modelo de análise do texto em face da diversidade textual. Todo texto seria, de certo modo, o seu próprio modelo ou a sua própria estrutura.

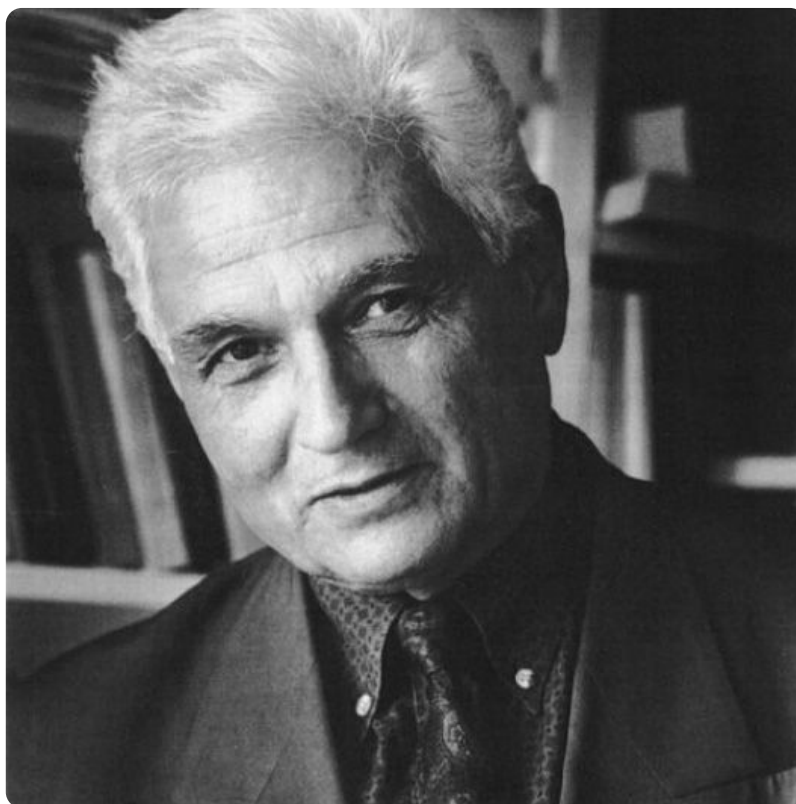
Na conclusão de sua obra, Barthes se dedica a pensar as possibilidades de um discurso fora do poder, que possa “trapacear” com a linguagem e introduzi-la numa anarquia. Numa constante luta contra a **doxa**, como um fato político, faz-se valer dos estudos da psicanálise lacaniana e dos estudos filosóficos de Jacques Derrida.

Doxa

Termo grego para crença, opinião ou expectativa de uma comunidade ou população. Designa, em Barthes, o senso comum, a opinião pública ou o consenso pequeno-burguês.

O pós-estruturalismo

Nessa corrente, podemos incluir o filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004), que considerou como **metafísico** todos os sistemas que possuíam uma base inatacável e fundamentos inquestionáveis. Nesse sentido, estabelece confrontos com ditos sistemas de “oposições binárias” que tiveram, sobretudo, o “homem” como padrão.



Jacques Derrida.

O seu projeto de trabalho envolvia uma crítica detalhada ao que ele denominou de **fonologocentrismo** (unidade entre som e sentido ou proximidade da voz ao sentido) e ao que chamou de **falogocentrismo** (ideia de superioridade masculina). Veja mais sobre esse assunto na citação a seguir.



A leitura típica de Derrida consiste em tomar um fragmento aparentemente periférico de uma obra – uma nota de rodapé, um termo ou imagem menor repetido, uma alusão casual – e nele trabalhar tenazmente até o ponto em que ele ameace dismantelar as oposições que governam o texto como um todo.

(EAGLETON, 1983, p. 144)

As pesquisas de Derrida foram muito utilizadas no campo da Teoria da Literatura. Dentre diversos trabalhos relacionados ao teórico, podemos destacar *Derrida e a literatura*, de autoria do professor Evando Nascimento (1999), em que o autor lê (com Derrida) importantes aspectos da escrita literária, indo da noção de mimesis até complexos quadros literários envolvendo as obras de Mallarmé e outros escritores.



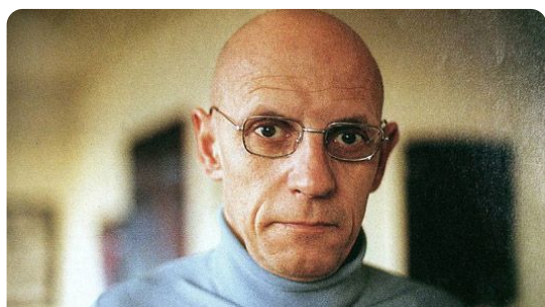
Atenção

A importância da contribuição derridiana para a Teoria da Literatura é imensurável. São inúmeros trabalhos que envolvem a memória, a escrita, os limites do texto, os atos de linguagem e muito mais.

No pós-estruturalismo, assinalamos os estudos do crítico literário norte-americano Jonathan Culler, que soube, a partir de importantes textos de Derrida, estar à frente de uma linha de pesquisa denominada de **desconstrucionismo**.

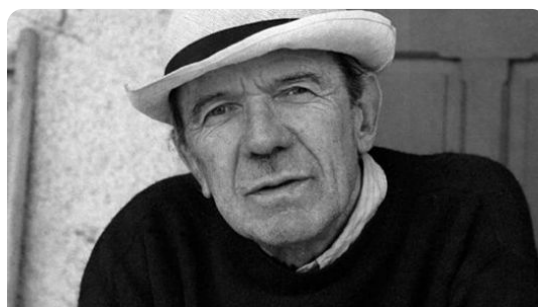
Apoiados em Freud, Heidegger, Nietzsche e outros de igual envergadura, os pensadores pós-estruturalistas, tendo em mente o caráter pulsional e imaginário da escrita literária pelo qual se interessavam, procuram desvelar os abismos que rondam as palavras na prosa e na poesia.

Há outros pós-estruturalistas que influenciaram os estudos de literatura, entre eles:



Michel Foucault (1926-1984)

Filósofo, historiador e crítico literário francês.

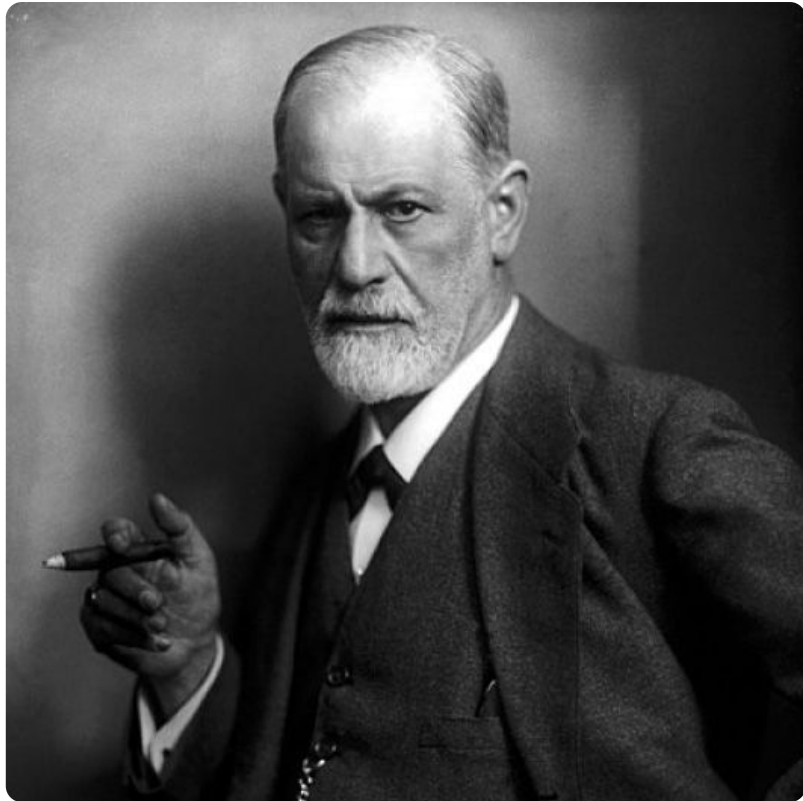


Gilles Deleuze (1925-1995)

Filósofo francês.

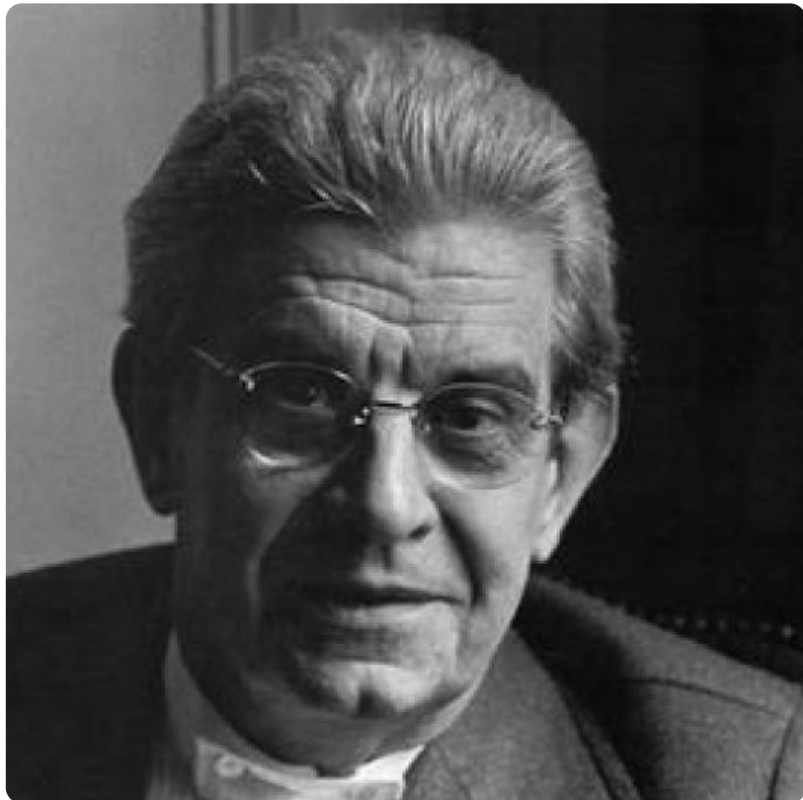
A psicanálise

As pesquisas do médico e psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939), desde o seu início, inspiraram literatos e críticos de literatura. A organização dos impulsos libidinais, o complexo de Édipo, os narcisismos primário e secundário, tudo isso trouxe inegáveis contribuições para o campo dos estudos literários.



Sigmund Freud.

Destaca-se o papel que teve o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981) e as diferentes formas com que a sua pesquisa foi retomada no campo da literatura. Pode-se considerar que ele ofereceu novos modos de pensar a linguagem e a subjetividade; além de a originalidade de sua obra ressoar constantemente nos trabalhos em Teoria da Literatura, tanto na fase estruturalista quanto no pós-estruturalismo. Numa escrita quase lacaniana, diremos que o teórico francês abriu os “litorais” da literatura diante da psicanálise.



Jacques Lacan.

Lacan influenciou a compreensão das muitas possibilidades de análise das relações entre os enunciados e o campo da enunciação. A partir da concepção de que o inconsciente é estruturado como linguagem, o autor relaciona as leis que regem os processos inconscientes como homólogas a figuras de linguagem, sendo elas a metáfora e a metonímia, equivalentes aos processos denominados previamente por Freud de condensação e deslocamento, que explicaremos no recurso a seguir.

Condensação

Relaciona-se à **metáfora**, na qual dois ou mais conceitos se condensam e são reduzidos a um conceito unificado, trazendo um conteúdo manifesto atrelado a um conteúdo latente. É um elemento de censura, no qual há uma transferência de uma ideia para outra completamente diferente.

Deslocamento

Relaciona-se com a **metonímia**, na qual se emprega um termo no lugar do outro, substituindo-o para algo aceitável. É uma tentativa de disfarce.

A psicanálise considera os sonhos como uma tentativa de realizar um desejo reprimido, comumente relacionado a algum aspecto proibido pela consciência. Desse modo, o inconsciente elabora formas de distorcer seu conteúdo para torná-lo aceitável. O trabalho do analista constitui em compreender o conteúdo oculto dessa forma de significação.

Teoria da Literatura e a contribuição de Roland Barthes

No vídeo a seguir, os professores Dallier e Catharina comentam sobre o campo da Teoria da Literatura e a contribuição de Roland Barthes. Vamos assistir!



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Fenomenologia e literatura



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Estruturalismo na literatura



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Pós-estruturalismo na literatura



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Leia o texto a seguir:

A teoria contrasta com a prática dos estudos literários, isto é, a crítica e a história literárias, e analisa essa prática, ou melhor, essas práticas, descreve-as, torna explícitos seus pressupostos, enfim critica-os (criticar é separar, discriminar). A teoria seria, pois, numa primeira abordagem, a crítica da crítica, ou a metacrítica (colocam-se em oposição uma linguagem e a metalinguagem que fala dessa linguagem: uma linguagem e a gramática que descreve seu funcionamento). Trata-se de uma consciência crítica (uma crítica da ideologia literária), uma reflexão literária (uma dobra crítica, uma self-consciousness, ou uma autorreferencialidade), traços esses que se referem, na realidade, à modernidade desde Baudelaire e, sobretudo, desde Mallarmé. (COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice P. Barros e Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 21.)

A partir da leitura do texto e do que você estudou neste módulo, assinale a alternativa que distingue corretamente o campo da Teoria da Literatura.

A

A Teoria da Literatura trata de elementos externos ao texto, enquanto a crítica literária trabalha os elementos internos.

B

A Teoria da Literatura é uma metacrítica porque critica e problematiza a crítica literária e a história literária.

C

O campo da Teoria da Literatura se confunde com a filosofia da literatura e a crítica literária.

D

A prática dos estudos literários equivale à própria Teoria da Literatura, por isso se diz que esta é uma dobra crítica.

E

A Teoria da Literatura elimina a crítica literária e foca no estudo normativo do texto literário.



A alternativa B está correta.

A Teoria da Literatura é uma dobra crítica ou crítica da crítica quando consideramos que ela tem como objeto a prática dos estudos literários, ou seja, a crítica e a história literárias, realizando reflexões, críticas, problematizações e sistematizações desses estudos.

Questão 2

Relacione os autores abaixo com as características citadas. Depois, assinale a opção com a ordem correta.

Husserl — Saussure — Derrida

I. Inspirou uma escola denominada desconstrucionista. Seu método de leitura consistia em pegar um fragmento de uma obra e analisá-lo intensamente até ameaçar dismantelar as oposições que governam o texto como um todo. (____)

II. Compreendia o significado como o produto de certos sistemas de significação, pois ele não era uma experiência privada nem uma ocorrência ordenada divinamente, mas o produto de certos sistemas de significação. Ligado à origem do estruturalismo. (____)

III. Seu método almejava encontrar certezas num mundo pós-guerra que se desintegrava. Priorizava a centralidade no ser humano e se opunha à objetividade do positivismo. Considera o sujeito sempre atado ao objeto. (____)

A

Saussure – Husserl – Derrida

B

Husserl – Derrida – Saussure

C

Derrida – Husserl – Saussure

D

Derrida – Saussure – Husserl

E

Saussure – Derrida – Husserl



A alternativa D está correta.

O pós-estruturalista Derrida confrontava os sistemas e estudava os limites do texto. Influenciou a teoria do desconstrucionismo. Saussure é o maior representante do estruturalismo, trazendo para a teoria literária a concepção de signo, significado e significante. Husserl reuniu novamente os estudos da mente e do mundo, influenciando uma série de teóricos fenomenologistas e existencialistas.

Considerações finais

Qualquer tentativa de definir a Teoria da Literatura e a crítica literária em termos de apenas um método está condenada ao fracasso. Portanto, são muitos os métodos e, às vezes, eles não possuem aspectos significativos comuns, como você pôde verificar ao longo dos módulos deste tema.

De certo modo, a crítica literária é uma não disciplina. E a teoria, mesmo como reflexão crítica sobre a própria teoria, também é uma não disciplina.

Na verdade, a crítica literária e a Teoria da Literatura significam apenas qualquer manifestação sobre o objeto chamado literatura. E a unidade desse objeto é tão ilusória quanto a unidade do método que pode ser utilizado. Lembre-se de que, como você pôde perceber já no módulo 1, nem mesmo o termo literatura desfruta de uma definição ou de um entendimento consensual entre os diversos teóricos.

Nesse sentido, é importante celebrarmos a pluralidade dos métodos e dos conceitos relativos à literatura e nos alegrarmos com essa liberdade em relação a essa tirania de qualquer procedimento exclusivo.

Finalmente, como visto no último módulo, a Teoria da Literatura permite um diálogo com diferentes áreas do conhecimento ou disciplinas, como a Linguística, a Filosofia e a Psicanálise, influenciando e sendo influenciada por diferentes estudos e teorias.

Podcast

Ouçá agora os professores Dallier e Catharina retomando o debate sobre a literatura e a Teoria da Literatura. Vamos ouvir!



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ouvir o áudio.

Explore +

Complemente seu estudo sobre o campo da Teoria da Literatura lendo o verbete “Teoria da Literatura”, de Manuel Frias Martins, no *E-Dicionário de Termos Literários*.

Você pode se aprofundar no estudo da Teoria da Literatura lendo e consultando a versão digital do livro *Teoria da literatura revisitada*, de Magaly Gonçalves e Zina Bellodi, disponível a partir de busca no Google Acadêmico.

Referências

AGUIAR E SILVA, V. M. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 1986.

CAMÕES, L. **Sonetos**. Rio de Janeiro: Ática, 1998.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

DERRIDA, J. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FOUCAULT, M. **A grande estrangeira**: sobre a literatura. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016.

KOTHE, F. R. **Literatura e sistemas intersemióticos**. São Paulo: Cortes, 1981.

KRAUSE, G. B. G. **Fenomenologia**. In: CEIA, C. (org.). E-dicionário de termos literários. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009.

KRISTEVA, J. **O texto do romance**. Lisboa: Horizonte, 1984.

LIMA, L. C. **Estruturalismo e Teoria da Literatura**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MALLAC, G.; EBERDACH, M. **Barthes**. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

MARNOTO, R. **Lírica Camoniana**. Estudos diversos. Lisboa: Cosmos, 1996.

NASCIMENTO, E. **Derrida e a literatura**: notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. Rio de Janeiro: Eduff, 1999.

PAZ, O. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

PETRARCA, F. **Cancioneiro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

PIRES, O. **Manual de teoria e técnica literária**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.